

# A REPRESENTAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA: UM OLHAR NO PÓS-PNLD

**Fabricia Maria Lucas Lima.**

Aluna do curso de História da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte;

**André Victor Cavalcanti Seal da Cunha.**

Prof. Ms da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Este artigo é uma comunicação dos resultados das análises a respeito da representação dos povos indígenas nos livros didáticos aprovados pelo PNLD 2007 e 2008 para tanto seu texto discute e expõem os dados retirados das coleções analisadas, bem como seu tratamento, este procedimento torna-se fundamental, pois através dele estaremos evidenciando e fundamentando nossas considerações. Para tanto aqui apresentamos nossa tabela de caracterização das coleções:

## 1.TABELA DE CARACTERIZAÇÃO DOS OBJETOS DE ANÁLISE (fig.01)

Coleções	Características				
	Autores	Editoras	Volume (Série)	Proposta de Trabalho	Temática Indígena (nº de capítulos)
Projeto Araribá (História)	Maria Raquel Apolinário Melani	Moderna	6ª	História integrada	1 Unidade Nº6 (capítulo 4 e 5)

História Sociedade e Cidadania	Alfredo Boulos Junior	FTD	6ª	História integrada	3 (capítulo 13, 14 e 15)
Construindo Consciências História	Leonel Itaussu de A. Mello & Luís Cesar Amad Costa	Scipione	6ª	História temática	2 (capítulo 7 e 8)
História Hoje	Oldimar Pontes Cardoso	Ática	6ª	História temática	2 (capítulo 8 e 9)

O tratamento dos dados nada mais é do que um momento dedicado a teorização das análises o que permite ao leitor a compreensão mais efetiva de nossas considerações, e conhecendo o caminho percorrido possa formular suas próprias considerações e interpretações, neste sentido nos utilizamos de Bardin e Flick como base teórica para uma problematização das amostras. Bardin<sup>1</sup> tem um maior destaque quando é colocada a análise de discurso ou texto corrido que compõe a narrativa histórica do capítulo focalizado na coleção. Por hora não só em razão da especificidade de nosso objeto, mas também devido amplitude de seus apontamentos Flick<sup>2</sup> será mais mencionado, pois nessas primeiras linhas faremos uma exposição mais geral de nossas categorias de análise em conjunto com a exposição dos resultados e considerações, uma vez que os mesmos trazem a implícita organização do conteúdo dentro das coleções. Isso porque nossa abordagem, a qualitativa, não se limita ou se submete apenas aos métodos específicos de coleta de dados, na verdade essa condiz apenas a uma primeira tarefa, pois como

aponta Flick “a interpretação de dados é o cerne da pesquisa qualitativa<sup>3</sup>”, tornando-se assim uma chave para a compreensão da imbricada rede de interrelações dos dados e a interpretação da realidade externa ao estudo do corpo documental, que por sua vez tem influência em sua produção. As produções didáticas estão colocadas numa sistemática de intensa reelaboração, que visa conciliar as demandas do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) inscritas na proposta de uma educação de qualidade e as adequações ao modelo padrão que condiz a opção do professor, correspondendo a um material didático com o qual ele se sinta seguro em trabalhar. Dispostas em acordo com o objetivo da indústria editorial didática, que como qualquer outra visa à maximização do lucro, o que na espacialidade brasileira repercute em ser listado entre as despesas da União, mediante dois caminhos primeiro ser aprovado no processo avaliativo, o segundo ter a preferência na escolha do professor.

A proposta do nosso trabalho é analisar a abordagem da temática indígena enfocando as mudanças e permanências apresentadas pelas coleções selecionadas segundo os critérios estipulados, duas coleções bem recomendadas no processo avaliativo e as mais adotadas na cidade de Mossoró-RN. Como pode ser apreendido na sistematização efetuada na tabela de caracterização das coleções (fig.01), através da união entre a forma de organização distributiva do conteúdo e a abordagem da temática indígena, observamos que de maneira geral a perspectiva didática de trabalhar a mesma esta denotada pela postura das editoras que tem em comum a opção por destinar um volume no caso o da 6ª série ou 7º ano do ensino básico regular, para dar-lhe ênfase a mesma define uma média de dois capítulos. Compartimenta-se a temática indígena em dois grandes grupos que visam trabalhar a diversidade cultural existentes entre os dois grupos um capítulo para cada, estando a organização condizente ainda á uma espécie de introdução a história do Continente americano e do Brasil na conseqüente expansão ultramarina e desenvolvimento do mercantilismo, lembrando que nestes capítulos geralmente a divisão esta contemplando as civilizações pré-colombianas e as civilizações da origem Tupi, num tocante a representação das sociedades indígenas que ocupavam o que viria ser então o território brasileiro estas são apresentadas quase sempre como numa seqüência linear ou cronológica.

De saída projeta-se primeiro a “descoberta”, fazendo a devida ressalva que muitos livros não utilizam mais esse termo chegando até a problematizarem-no, do continente americano (1492) e a colonização espanhola, e como que acompanhando o percurso das caravelas temos em prosseguimento os primeiros contatos e a colonização portuguesa. O confronto ocorrido devido ao choque de culturas e interesses dos colonizadores, e por fim uma perspectiva da atual situação vivenciada pelos descendentes do que é denominado usualmente primeiros habitantes do continente americano. Esta organização esta sendo abordada como uma permanência presente nos volumes analisados inclusive aquelas que optam por uma história temática.

O estudo do conteúdo didático, foi focalizado a partir de três eixos: os textos escritos (discursos), os textos imagéticos (gravuras), e as atividades propostas (questionários), são eles

as três categorias principais de nossa análise. A análise do material revelou-nos, uma complexidade inerente à narrativa histórico didática, a objetividade e listagem dos dados nos colocava mais a par de uma série de resultados que necessitaram além da amostragem objetiva uma decodificação mais densa apreendida da interpretação dos dados. Como pode ser apreendido da tabela abaixo (fig. 02) cada uma das categorias apresentou-se nas coleções com diversificada incidência, isso tudo de acordo com a perspectiva de trabalho e abordagem assumida pela equipe autoral

## 2. TABELA DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE (fig. 02)

CATEGORIAS			
COLEÇÕES	Discurso	Questionários	Gravuras
Projeto Araribá-História (43 páginas, em duas unidades)	33	18	68
História Sociedade e Cidadania (44 páginas, em três capítulos)	29	12	42
Construindo Consciências-História (28 páginas, em dois capítulos)	24	4	25
História Hoje (23 páginas, em dois capítulos)	23	10	37

Cada coleção destina um número específico de páginas que conformam o espaço dentro da mesma para o assunto trabalhado no capítulo. O cálculo das amostragens do discurso e dos questionários foi elaborado a partir da diferença entre o número de páginas que cada coleção destinou para os capítulos que trabalham a temática indígena e em quantas páginas estava presente a categoria analisada. Já para a categoria gravuras ou textos imagéticos foram contabilizados o número ilustrações que estavam presente nas páginas dos capítulos supracitados.

Após o estabelecimento das categorias apresentadas na passagem anterior (fig.02) o estudo dos dados apontados por cada categoria nos exigiu uma codificação, esta é a coleta dos dados que esta diretamente proporcional a elaboração da teoria ou interpretação do conteúdo didático. Por este caminho adaptamos à nossa pesquisa um método analítico bastante usual na análise de discursos e entrevistas transcritas essa perspectiva é denominada de codificação aberta.

Segundo Uwe Flick “a codificação aberta tem por objetivo expressar dados e fenômenos na forma de conceitos<sup>4</sup>”, em nosso caso a codificação aberta criou as categorias discurso, questionários e

gravuras. Para a análise das propriedades de cada categoria elaboramos uma codificação que reflete os tons de suas especificidades ou tipos, assim para a categoria discurso temos uma apreensão verticalizada da forma como o mesmo se apresenta, uma codificação do discurso em seus tons específicos criou os tipos: discurso denunciante, discurso discriminatório, e o discurso racista, desde já apontamos que em nenhuma das coleções analisadas foi encontrado o discurso racista. Todos estes são componentes da a narrativa histórica elaborada para a coleção.

Para a categoria questionário a codificação voltou-se para os enunciados das perguntas e o tipo de esforço despendido para a elaboração da resposta, então temos atividades que se configuram como atividades de localização de interpretação ou dedução, e espontaneidade. Para o texto imagético a codificação assenta-se no tipo de ilustração utilizada iconografias, pinturas ou manuscritos de determinado contexto, configurando-se nisso a presença dos documentos, fotos (das pessoas, cidades e artefatos produzidos pela sociedade estudada), desenhos de produção independente que visam a ilustração esclarecimento de pontos mais complexos do texto narrativo.

### 3.TABELA DE CODIFICAÇÃO DA CATEGORIA DISCURSO (fig.03)

COLEÇÕES	DISCURSO		
	DENUNCIANTE	DISCRIMINATÓRIO	RACISTA
Projeto Araribá-História (33 páginas)	9 (páginas)	3 (páginas)	
História sociedade e Cidadania (29 páginas)	14 (páginas)	11 (páginas)	
Construindo Consciências-História (24 páginas)	14 (páginas)	10 (páginas)	
História Hoje (23 páginas)	10 (páginas)	6 (páginas)	

É importante salientar que a codificação “discriminatória”, não precisa ser obrigatoriamente entendida por um adjetivo de menosprezo, em nossa análise também é aplicável aos trechos discursivos que fazem destaque ao pitoresco ou as especificidades culturais do cotidiano das civilizações aborígenes, ressaltando sua organização tribal, sua economia, sua distribuição de trabalho, suas concepções de mundo e religião. Para além dessa perspectiva numérica utilizamo-nos no tratamento e exposição dos dados, das contribuições da autora Laurence Bardin na perspectiva de interpretação e codificação de trechos do texto que compõem a narrativa histórica didática, a orientação de tabulação dos dados em Bardin consiste numa retirada dos trechos que estão condizentes as categorias, neste caso os trechos de discurso que são apresentados, utilizados e expostos na íntegra como os próprios dados dentro da tabela.

### 4.TABELA DE CODIFICAÇÃO DA CATEGORIA DISCURSO\* (fig.04)

COLEÇÕES	DISCURSO		
	DENUNCISTA	DISCRIMINATÓRIO	RACISTA
Projeto Araribá-História (33 páginas)	“A luta atual dos descendentes dos antigos Maias no Estado de Chiapas, no México tornou-se símbolo de resistência indígena”. pg.150	“os Tupis dividiam-se em Tupinambás, Caetés, Potiguares e outros”. pg.180	
História sociedade e Cidadania (29 páginas)	“Em novembro de 1519 depois de massacrar vários povoados indígenas os espanhóis chegaram a Tenochtitlán”. Pag 194.	“A derrota era interpretada pelos Astecas como castigo divino”. pg. 198.	
Construindo Consciências-História (24 páginas)	“E até hoje as populações indígenas são ameaçadas por invasores que os tratam como um empecilho para o crescimento do país”. pg. 83.	“Desconhecimento do uso da roda no transporte, bem como do arado e do ferro impediram-lhes de desenvolver o sistema de transporte”. pg. 100	
História Hoje (23 páginas)	“Mais de 30 milhões de nativos chamados de índios pelo conquistador foram mortos nos primeiros tempos de colonização”. pg. 104.	“Nas culturas indígenas não havia interesse em acumular mercadorias nem riquezas”. pg. 118.	

A análise dos discursos nos revelou que a maioria dos livros primam por uma perspectiva de discurso denunciata, seguida do discriminatório, sendo que o primeiro está usualmente associado à abordagem e representação das sociedades indígenas brasileiras. Sua apresentação é mais enfatizada com relação aos processos de etnocídio e genocídio pelo qual passaram, estando presente, sobretudo através de dados estatísticos e matérias jornalísticas, que reforçam o afirmado processo de perseguição e dizimação pelo o qual os mesmos continuam passando, e os problemas ambientais disto decorrentes.

Na outra extremidade temos o discurso discriminatório mais presente nos capítulos que tratam das civilizações pré-colombianas, fazem um percurso mais histórico com maior número de informações e referências quanto aos costumes e práticas culturais. Embora que se prolonguem no processo de estudo dos grandes impérios do período de pré-colonização: Astecas, Maias e Incas, diferentemente das sociedades indígenas brasileira colocado geralmente numa perspectiva atual ou em apêndice ao processo de colonização Ibérico. Num relato da exploração do Pau

Brasil e do escambo, praticados como primeira atividade na Colônia

Na perspectiva denunciata os textos são majoritariamente contemplados em leituras complementares, sendo que esse tipo de organização textual, geralmente de tamanho pequeno traz também trechos de documentos ou curiosidades e fatos pitorescos do cotidiano das civilizações indígenas, bem como aspectos de seu imaginário. É comum encontramos na abordagem da temática indígena a aplicação da perspectiva denunciata com um vínculo entre o contato dos Europeus com as civilizações indígenas ou na perspectiva atual o contato entre “índios e não-índios ou índios e branco<sup>5</sup>”, com relação à demarcação dos territórios. Apesar de ser notória a opção por se fazer as devidas ressalvas com relação as especificidades culturais de cada povo, inclusive fazendo-o através do discurso denunciata o alerta quanto as generalizações, uma característica geral de todas as coleções é o destaque as práticas ritualísticas tais como: sacrifício humano e a antropofagia na medida de uma descrição. Apesar das coleções definirem uma postura contrária a generalização das etnias ou a suavização do processo de conquista e ocupação do território americano, ainda se percebe o emprego dos termos “índios” em algumas de suas expressões e ainda que a conceituação ou definição de indígena mais corrente nos discursos didáticos é a do antropólogo Darcy Ribeiro.

Quanto aos questionários ou atividades propostas, realizamos uma proporção entre o número de atividades propostas e o número de questões que se encaixam na codificação elaborada a partir das características de cada enunciado.

##### 5. TABELA DE CODIFICAÇÃO DA CATEGORIA QUESTIONÁRIOS (fig.05)

COLEÇÕES	QUESTIONÁRIOS		
	LOCALIZAÇÃO	DEDUÇÃO	ESPONTÂNEA
Projeto Araribá-História (18 páginas)	89 (enunciados)	39 (enunciados)	13 (enunciados)
História sociedade e Cidadania (12 páginas)	25 (enunciados)	16 (enunciados)	11(enunciados)
Construindo Consciências-História (4 páginas)	13 (enunciados)	5 (enunciados)	10 (enunciados)
História Hoje (10 páginas)	5 (enunciados)	3 (enunciados)	3 (enunciados)

O número de questões não contabilizadas correspondem as atividades que não se encaixavam nas codificações elaboradas, por solicitarem a elaboração de apresentações teatrais, painéis ou relatórios bem como pesquisas (na internet, revistas e jornais), por representarem um número pequeno de atividades presente dentro das coleções não foram criadas codificações de análise para as mesmas. Na codificação de localização estão inseridos os enunciados que requerem do aluno a atividade de busca de uma determinada informação que está explícita no

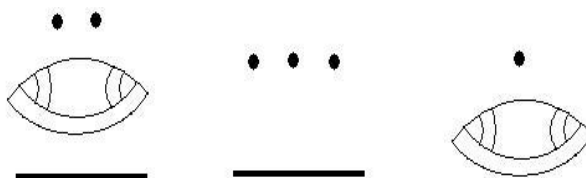
texto. Este tipo de enunciado está tradicionalmente colocado em associação ao texto narrativo e objetiva despertar no aluno a percepção lógica ou o que comumente denominado domínio de conteúdo. Era em função da massiva presença destes enunciados nas atividades de história que foi atribuído o rótulo de “disciplina decoreba” para a mesma, caracterizada pela preocupação no adestramento da memória, por assim dizer, para guardar nomes, datas e fatos. É claro que este tipo de avaliação está relacionado com a proposta de narrativa que se assenta, nesse sentido a atividade de localização é complementar a uma história factual ou de orientação tradicional positivista.

Ao contrário do que possa ser pensado não era somente a disciplina de história que estava permeada por esse tipo de enunciado. Quem não se lembra das aulas de geografia e de sua clássica questão: “Cite o nome de todas as capitais dos Estados que compõem a região Nordeste do território brasileiro?”. Os enunciados contemplados pela codificação dedução são aqueles que exigem do aluno um esforço de associação ou até mesmo que este demonstre um poder de síntese para buscar informações não explícitas no texto, logo o aluno é levado a aferir e cultivar uma postura indutiva com relação a narrativa histórica. Estes enunciados estão mais presentes em momentos de interpretação dos textos, análise comparativa entre textos de percepções diversas, tal como as propostas de atividades lançadas para as leituras complementares. Como também podem ser usados nos momentos de introdução ao assunto do capítulo para a coleta dos conhecimentos prévios, por exemplo: “Vocês já ouviram falar dos astecas, representados na imagem da página ao lado? O que sabem sobre eles?”.

Os espontâneos são aqueles que pedem para que o aluno formule e exponha sua opinião estão vinculados a uma proposta de disciplina formativa, coadunada à atividades de desenvolvimento oral que objetivam promover o debate em sala de aula, estimulando a autonomia e autoconfiança do aluno na construção do conhecimento. De forma geral as coleções que apresentam um número maior de páginas destinadas para a categoria questionários, o fazem por distribuir as atividades dentro do discurso e narrativa histórica, obedecendo assim a uma tendência de problematização do conteúdo, embora que em alguns casos sejam encontrados discrepâncias e paradoxos com relação ao que se propõem a atividade e o que o enunciado realmente pede como no exemplo a seguir:

< objetivo da atividade >  
**analisar imagens**

**Observem as imagens da página seguinte e faça o que se pede no caderno?**





a) Façam os cálculos necessários para converter os três números do sistema vigesimal (utilizado na região do atual México, há mais de três mil anos) para o sistema numérico decimal (utilizado hoje no Brasil)

**b) Usando um pedaço de barbante construa um quipo que represente esses três números8.**

Esta atividade foi proposta após uma extensa explanação sobre o sistema numérico utilizado pelas civilizações que ocupavam a região central do continente americano no período pré colombiano. De acordo com o objetivo expresso pela atividade a mesma visava uma análise da imagem no quadro que expõem uma representação numérica a partir do sistema utilizado pela civilização Maia. Entretanto os enunciados apontam para uma decodificação da representação numérica, ou seja uma atividade que induz o aluno a simples conversão de um sistema para outro, quando se podia ter muito bem qualquer outra imagem que requeresse um trabalho mais efetivo e de maior complexidade e problematização do assunto, esta atividade pode então ser considerada de dedução. Destaque cabe aqui para a coleção: História sociedade e cidadania que entre as coleções mostrou ter uma das melhores propostas de atividade.

Quanto a categoria gravuras é importante observar que de todas as categorias analíticas esta se apresenta como a de maior ocorrência. É necessário que se faça a devida ressalva de que entre as coleções analisadas a presença do texto imagético não correspondia a um descompasso em relação ao texto escrito, muito pelo contrário com relação a sua apresentação este se mostrava como complementar a informação trazida pelo discurso estando também como um auxílio visual sem implicar que o mesmo estivesse descaracterizado de sua função, qual seja prestar esclarecimentos e ser fonte de problematização do conteúdo.

## 6. TABELA DE CODIFICAÇÃO DA CATEGORIA GRAVURAS (fig.06)

COLEÇÕES	GRAVURAS		
	ICONOGRAFIAS/ PINTURAS	FOTOS	DESENHOS
Projeto Araribá-História (68 imagens)	31	24	14
História sociedade e Cidadania (42 imagens)	9	16	17
Construindo Consciências-História (25 imagens)	2	14	9
História Hoje (37 imagens)	18	11	5

Logo o livro didático fica um tanto parecido com um “google de papel” sua narrativa histórica torna-se pontuada por “link’s” que puxam para o texto imagético ou para uma leitura complementar.

O número de figuras não contabilizados na tabela acima refere-se as ilustrações que não estão condizentes com as categorias estabelecidas por estarem aliadas as atividades propostas tais com quadro de comparações ou esquemas explicativos. No que concerne ao texto imagético sua inserção nos livros didáticos pode estar ligada a diversos objetivos tais como: favorecer a aquisição de habilidades dentre as quais podemos destacar: memorização, observação, investigação, compreensão, interpretação, comparação, argumentação, análise, síntese e generalização. É importante mencionar que na codificação desenho também estão inseridos os mapas, dados estáticos, cronogramas, para além disso, temos que as imagens quando estão colocadas junto com as atividades, o que ocorre com relativa freqüência, propõem uma análise das mesmas, isto de maneira clara e precisa. Entretanto em muitos casos, sobretudo quando atrelado ao texto narrativo, o texto imagético torna-se um elemento dentro do livro que está numa posição de extrema dependência da interação do professor, apesar do discurso colocá-lo em pauta através de vínculos como no exemplo referido acima, e das legendas referenciar a obra, a problematização e análise deste muita das vezes fica a cargo do professor, que deverá realizar uma função de intermediador das informações apresentadas pela ilustração, pintura, desenho ou foto e o aluno.

O tipo de texto imagético de maior presença entre as coleções analisadas foi o da codificação foto, para as civilizações denominadas de pré colombianas o número de fotografias enfocam as cidades, os templos e o artesanato, já para as civilizações indígenas brasileiras as fotos descrevem mais as pessoas que se identificam como integrantes da etnia indígena, focalizando seu rostos ou suas cerimônias.

Os textos imagéticos tendenciam à uma recorrência, contribuindo para a apreensão solidificada de algumas percepções. Em seu estudo Siman<sup>9</sup> demonstrou que o quadro “A Primeira Missa” de Victor Hugo era a gravura de maior incidência presente nos livros didáticos quando da representação da temática indígena, contribuindo assim para reafirmar uma percepção não só dos indígenas como também da formação da identidade nacional:

Essa cena ao ser recuperada no séc. XIX, torna-se umas das simbologias que representam o elemento de continuidade do país que se torna independente com a metrópole. A religião católica associada a ação catequética dos jesuítas sobre a população nativa comporá a *imagem da civilização nos trópicos*, tornando-se a representação visual d a fundação do Brasil<sup>10</sup>

Em nossas análises percebemos que este dado foi alterado, entre as coleções as imagens de codificação iconográfica ou pintura mais recorrentes são as ilustrações de Theodore de Bray para o relato das viagens de Hans Staden ao Brasil, publicado na Alemanha em 1592, em três coleções as ilustrações estavam presentes, sendo que em duas: Projeto Araribá e História Hoje repetia-se a cena descritiva da cerimônia de antropofagia. A utilização desta imagem nas coleções apontadas, estava desprovida de qualquer menção a simbologia e significado deste ritual para as civilizações indígenas que o praticavam, geralmente o texto narrativo fazia menção

de que esta era uma prática comum entre os indígenas brasileiros assim como o sacrifício humano entre as civilizações pré-colombianas colocando uma explanação descritiva deste rito.

Temos que uma imagem vale mais do que mil palavras, então como estaria configurada a representação das sociedades indígenas para os alunos. Uma vez que é apontada a dependência do texto imagético no livro didático de uma interação do professor, quanto à sua problematização que muitas vezes pode ser inadequada ou até mesmo negligente. Logo não seria tão impressionante que se construísse uma concepção de barbárie ou maniqueísta no imaginário dos alunos e justamente contradizendo um objetivo até então estipulado na substituição da imagem do quadro: “A Primeira Missa” a saber a idéia de uma civilidade e superioridade étnica do europeu que estaria aqui para combater a barbárie, idéia esta baseada numa concepção etnocêntrica e generalizada das culturas aborígenes.

Podemos perceber então que os livros didáticos atuais, pelo menos no que condiz a temática indígena e as coleções analisadas, corroboram numa simbiose entre o antigo e o novo, antigo pela permanência de algumas fragilidades e aspectos tradicionais, que lógico tem sua manutenção justificada mediante uma lógica de mercado que acerca a produção didática, e novo porque os livros tem mostrado um esforço de adequação as novas compreensões e abordagens do conhecimento histórico e sua importância na construção da consciência dos alunos que corroboram com uma disciplina formativa, perceptível através de trechos do texto que se preocupam em trabalhar a construção de conceitos conceitos como é enfaticamente colocado no discursos de tons denunciata. ou mesmo nas atividades propostas de enunciados da codificação dedutiva e espontânea que visam a busca da opinião do aluno e o estímulo a sua integração como protagonista do processo de ensino aprendizagem e a compreensão de que é através da inserção de vários sujeitos que formamos o processo histórico.